

PALAVRAS DO PRESIDENTE

Se sonhamos com o que vem à frente, impossível não rever o que passou.

O nosso projeto para este Instituto, está com certeza, ligado à administração anterior.

Passamos por momentos tristes com falecimento do nosso Presidente: Miguel Depes Tallon.

Ao assumirmos a Presidência, primeiro por força dos Estatutos posteriormente pela confirmação da Assembléia Geral Extraordinária, estávamos cientes das responsabilidades não só decorrentes do cargo, mas, e principalmente, de substituir um Presidente com passagem tão brilhante pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Porém, os nossos planos continuam e continuam conosco a mesma Diretoria, apenas acrescida com a preciosa colaboração do consócio Antônio Monteiro.

Outro detalhe: contamos agora com o novo Conselho de Assessores que auxilia a Presidente. Assim, o empenho e a dedicação desta equipe, que já vinha colaborando decisivamente para a excelência do trabalho que este Instituto desenvolve, agora torna-se imprescindível.

*Consideramos possível, por conseguinte, planejar racionalmente nossas ações; além de eventos como **Jornada de Navegações IV**, que encerra as comemorações dos 500 anos de Brasil, estamos nos voltando para as atividades com estudantes da rede municipal, na forma de oficinas.*

Além disso pretendemos ampliar o número de núcleos regionais do Instituto nos municípios.

Finalmente, vamos estar também na Internet. Os estudos já estão adiantados para que possamos fazer parte de uma página na referida Internet em parceria com a Prefeitura Municipal de Vitória, que tornará possível todas as nossas realizações através de Convênio. Nosso muito obrigado!

O que sentimos neste momento é um imenso orgulho de empreender um trabalho com todos os sócios deste Instituto, juntamente com a Diretoria e com o pessoal de apoio, sempre prontos a dar colaboração para o crescimento da Instituição e para a cultura do Espírito Santo.

Se depender do nosso entusiasmo aliado à colaboração sempre presente da Prefeitura Municipal de Vitória, este Instituto terá, cada vez mais, aumentada a sua credibilidade no âmbito da cultura no Estado.

Vamos trabalhar juntos! Espero continuar contando com o apoio de todos.

Aí está o Boletim Informativo prestando um serviço através do trabalho de seus colaboradores e divulgando informações de interesse de seus leitores, aos quais está aberto a novas propostas e sugestões.

Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa

REFORMA NA SEDE SOCIAL

O IHGES promoveu, durante os meses de janeiro e fevereiro passado (recesso), reforma na sua Sede Social constante de:

- raspagem e sintecagem de todo o piso do salão principal;
- correções de imperfeições no teto e das paredes, aplicando-lhes nova pintura;
- revisão completa das instalações elétricas, embutindo ou conduzindo através de dutos os fios que, expostos, enfejavam e colocavam em risco nossas instalações;
- aquisição e colocação de modernas persianas nos janelões que dão para a rua Thiers Vellozo, substituindo as velhas cortinas já enfraquecidas pelo tempo;
- aquisições de cadeiras confortáveis para a mesa frontal ao auditório e para a mesa de reuniões da Diretoria; e
- troca do carpete do podium e fixação de passareira entre as fileiras de cadeiras do auditório.

Tudo visando tornar o ambiente seguro, bonito e agradável.

Toda a reforma teve um custo total de R\$ 7.000,00.

Não pretendemos parar aí. Tão logo tenhamos mais recursos para este fim, pretendemos voltar às obras, de sorte a oferecer aos nossos associados e visitantes uma sede digna das tradições da Casa.

HOMENAGEM À NOSSA PRESIDENTE

No dia 31 de março passado, nossa Presidente, Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa, foi homenageada pela Câmara Municipal de Vitória com o Diploma de Honra ao Mérito por Serviços Prestados à comunidade de Vitória, por indicação do Vereador Isak Santos.

Parabéns Presidente...

HOMENAGEM AO CONSÓCIO, TANECO

Nosso querido consócio José Hygino de Oliveira (Taneco) homenageado pelo Sindicato das Indústrias Gráficas do Espírito Santo, por ter sido fundador do referido Sindicato, tendo por 15 anos exercido sua Presidência. O homenageado foi agraciado com um prêmio símbolo: uma miniatura da primeira impressora gráfica feita no mundo.

Parabéns, Taneco!

IHGES NA INTERNET

Para o sócio que tem computador e está ligado à Internet, noticiamos que o Instituto, a partir do corrente mês de abril, estará ligado à Internet, através de "link" da Página da Prefeitura Municipal de Vitória.

O acesso à referida página (bonita, bem feita e altamente informativa) poderá ser feita através do endereço - um tanto longo, mas bem eficiente: www.vitoria.es.gov.br/secretaria/cultura/ihges.htm.

O contato direto com o Instituto poderá ser feito através do E_mail: ihges.vix@zaz.com.br e com a Prefeitura Municipal ihges@zaz.com.br.

CARAVANA A SANTA TERESA

O IHGES, em caravana constituída pela Presidente Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa e pelos consócios Renato Pacheco, Victor Biasutti, João Bonino Moreira e Hormízio Santos Muniz, se fez presente ao lançamento, ocorrido em 25.02.2000, em Santa Teresa, do livro do Desembargador Luiz Carlos Biasutti e do jornalista Arlindo Loss, "São Roque do Canaã" em solenidade realizada na Câmara Municipal local, patrocinada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Teresa (IHGEST) muito concorrida, constituindo em verdadeiro sucesso o lançamento.

Na oportunidade, os membros da caravana tiveram uma audiência com o Sr. Prefeito Municipal daquela cidade serrana, no sentido de obter uma parceria para a edição do volume "Fundação e Fatos Históricos de Santa Teresa", de Frederico Müller, com lançamento previsto neste Instituto na tarde de 26.04.2000 e, em Santa Teresa, na data da inauguração da Casa da Cultura. A parceria foi prometida.

JORNADAS DE NAVEGAÇÕES IV

Com pré-abertura no dia 14 do corrente mês de abril, às 18 horas, na antiga Capitania dos Portos, o Instituto realizará a quarta Jornada de Navegações. O evento terá seqüência nos dias 25, 26 e 27 no salão nobre do Instituto, sempre a partir das 15 horas, com apresentação de COMUNICAÇÕES, lançamentos de livros e conferência de encerramento.

As COMUNICAÇÕES se darão em tempo determinado e igual para cada Comunicador, fazendo este breve resumo do trabalho, que comporá matéria para a publicação que sucederá ao evento, estando já inscritas 16 Comunicações. O tempo de comunicação será gerenciado por Moderadores.

Ao término das Comunicações de cada dia haverá lançamento dos livros "Memórias do Passado - Vitória através de meio século", do Padre Antunes Siqueira (dia 25), Revista do IHGES nº 53 e "Fundação de Fatos Históricos de Santa Teresa", de Frederico Müller (dia 26), encerrando com conferência a ser proferida pelo escritor Geert Banck (dia 27).

O Instituto preparou um "folder" (folheto), que será remetido aos sócios e outros convidados, contendo todas as informações sobre o evento.

MARINHAR

NO PROMONTÓRIO, O SONHO
NA NAU, A ASA
PARA ALÉM DOS MARES
O DESTINO: BRASIL.

MARINHAR: *Andar à vela pelos caminhos do mar.*

REVISTA DO IHGES

Comissão de Seleção de Textos para a REVISTA do IHGES, recentemente criada, comunica que está recebendo os trabalhos que deverão compor o nº 54 no 2º semestre deste ano.

A Comissão mencionada, está composta dos seguintes associados: João Bonino Moreira (coordenador), Renato Pacheco, Reinaldo Santos Neves, Matusalém Dias de Moura e Carlos Vinícius Costa Mendonça.

Os colaboradores poderão apresentar seus textos digitados em papel A4, acompanhados do respectivo disquete, devendo ser entregues na Secretaria do Instituto (Tânia ou Hormízio).

ATENÇÃO: A MATÉRIA DEVERÁ SER ENTREGUE COM A REVISÃO FINAL EFETUADA, QUE SERÁ DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES, EXIMINDO, ASSIM, O INSTITUTO DE FALHAS NA PUBLICAÇÃO.

HOJE,

SOU UM CIDADÃO CONDENADO POR
AQUELES QUE VÊEM A VIDA A SEU MODO,
DEIXANDO DE RESPEITAR O DIREITO QUE
TEMOS NÓS À NOSSA PRÓPRIA VIDA.

DEPOIS DE CAMINHAR TANTO, NESTE
FINZINHO DA ESTRADA, DESCO-BRIMOS O
QUE DEVÍAMOS TER DESCOBERTO HÁ MAIS
TEMPO:

GOSTAR DE QUEM GOSTA DA GENTE.
QUANDO SENTIMOS UM AQUECIMENTO
TERNO, UM CALOR MAIS JOVEM...
DEIXEMOS QUE FALEM, QUE DIGAM, MAS BEM
POUCOS TÊM A FELICIDADE CONSTRUÍDA
PELOS SEUS PRÓPRIOS FEITOS, POR SUAS
PRÓPRIAS MÃOS COM A AJUDA DE DEUS...
É O QUE SINTO...

GRATO SENHOR.

Taneco

*Taneco, li os teus versos
Cheios de recordações,
Fazendo a gente sonhar
Com as nossas ilusões.*

*Receba os meus parabéns.
Os teus versos têm valor,
Têm tristeza e saudade
E têm perdão, com amor.*

*Tu tens muito pra nos dar
Com tua filosofia,
Que transforma os tempo idos
Em tomos de poesia.*

Argemiro Seixas

Isidoro Zanotti - Filho do Espírito Santo

Encerrou sua vida de vitórias em Vitória-ES

Isidoro Zanotti nasceu em Santa Teresa, Espírito Santo, em 1913, filho de David e Bárbara Delleprani Zanotti. Com 2 anos de idade, sua família instala-se na Fazenda "Boa Sorete", Sobreiro, no município de Itaguaçu/ES.

São seus irmãos: Helvídio, João, Roberto, Maria, Emílio, Augusta, Ana, David Martinho e Tolanda. Casado com Lydia Berrocal de Zanotti, de Lima - Peru.

Estudou no Colégio São Vicente de Paulo, em Vitória-ES. Graduou-se em Direito Internacional pela atual Universidade Federal do Rio de Janeiro e posteriormente obteve o título de PhD em Direito Internacional pela American University, em Washington DC-EUA.

No Brasil, atuou como Conselheiro Legal do Ministério da Justiça e nos comitês da Câmara dos Deputados do Congresso Nacional.

Foi dos primeiros estudiosos a escrever no Brasil artigos a respeito das Nações Unidas, tendo contribuído para a divulgação dos princípios, propósitos, funções e atividades da Organização das Nações Unidas - ONU. Em 1949 foi a Nova York, convidado pelas Nações Unidas para conhecer a sede da Organização e estudar por um mês sua estrutura e funcionamento interno.

A seguir, ingressou na Organização dos Estados Americanos - OEA, em Washington DC, tendo permanecido por mais de 40 anos ocupando relevantes cargos, tais como: Conselheiro Legal, Diretor do Departamento de Codificação e Integração Legal, Diretor Interino do Departamento de Assuntos Jurídicos. Por 20 anos foi Diretor e posteriormente Coordenador de Direito Internacional, do Comitê Jurídico Interamericano da OEA, com sede no Rio de Janeiro.

Como funcionário da OEA, visitou quase todos os países das Américas, participando de conferências e reuniões interamericanas. Tinha ampla experiência e conhecimento do Sistema

Interamericano e Legislação Nacional dos países Americanos.

Em 1978 aposentou-se da OEA continuando por mais de anos como Consultor Contratado.



Foi membro da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB, Associação Brasileira de Imprensa - ABI, Federação americana de Advogados, The International Bar Association, American Bar Association, American Society of International Law.

Por muitos anos manteve importantes cargos como Relator Geral e membro do Conselho e Comitê Executivo da Federação Interamericana dos Advogados, com sede em Washington DC. Recebeu vários prêmios da Federação em reconhecimento de sua excelente contribuição ao desenvolvimento do Direito e melhoramento das normas e princípios do Sistema Legal. escreveu diversos livros, podendo destacar 'O Direito de Exílio', "Direito Brasileiro" e encontrava-se em fase final de elaboração uma obra sobre "Extradição". Foi editor contribuinte do Jornal do Direito Internacional "Advogado das Américas" publicado pela School of Law, da University of Miami, além de contribuir periodicamente com artigos. Foi ainda membro do Comitê Editorial do Jornal "Internacional Legal Materials", publicado pela "The American Society of International Law".

Isidoro Zanotti faleceu no dia 22/02/2000, em Vitória-ES, encerrando assim uma trajetória de conquistas, sucessos e vitórias, as quais servirão de referência para seus descendentes.

O Caminho trilhado por Isidoro Zanotti deixa os Capixabas orgulhosos de seus feitos, pois soube fazer brilhar no exterior a estrela da Pátria Brasileira.

O ALFAIATE

Especialmente para TANEKO e CASSIMIRO FONSECA

Depois de qual ser bruto haver vivido
Desabrigado, em condição precária,
E igual nudez à em que fôra nascido,
Eis que o homem teve a idéia extraordinária

De seu corpo cobrir, andar vestido,
Buscando proteger-se desta vária
Natureza, e o problema resolvido
Deu-lhe o abrigo preciso: a indumentária.

Da pele de animal até o tecido,
milhões de anos, sabemos, decorreram,
Para que o homem, afinal, fôsse vestido.

E a quem devemos hoje esse remate
Da passada nudez que outros sofreram ?
A esse filho da puta que é o ALFAIATE.

MESQUITA NETO

Textos Poéticos

VÉU DE NOIVA (idéia visionária)

lembrar o que já passou...

Das derrubadas primeiras
às barracas das clareiras,
às rezas do ipê-festivo,
primeiro nicho, altar vivo.

lembrar o que já passou...

Rever as lindas paragens,
das virgens matas selvagens.

Do lindo Santa Maria,
onde a canoa corria,
encantando o emigrante,
que a pátria deixou distante,
outra pátria oferecendo,
outra esperança nascendo.

lembrar o que já passou...

O primeiro nascimento,
do casal vindo de Trento,
sob o céu e a cachoeira,
bela e alva, tão alva e bela,
a compor doce aquarela,
num poético "véu de noiva".

lembrar o que já passou...

Cantar um hino seria
hino épico que história,
desta existência o combate,
através lenta "jornada",
anos longos dia-a-dia,
entoado nas quebradas,
pelas gerações passadas,
que por ideal morria.

lembrar o que já passou...

Olhando para o porvir,
presos à posteridade,
batalhar nesta "jornada",
há tanto tempo iniciada,
cantemos a grata história:

Canaã de eterna glória,
com entusiasmo e firmeza,
cantemos: Santa Teresa,
salve terra de beleza,
salve colonizadores,
branco, negro, todas as cores.
Da Germânia, da Suíça,
austríacos, poloneses,
da Espanha, luxemburgueses,
siríacos - libaneses,
italianos do Tirol,
de Veneza, de Milão,
de Torino e do Piemonte,
do continente africano
da Sicília - de Portugal.

Salve colonizadores,
De todas as raças e cores.

Zé

Priciso ti contá esta história.

tava eu noite dessas, procurando uma loja prá
comprá o seu presente de Natal, quando encontrei
um prediã, tudo aceso, cheio de gente. Eta turma
boa. Perguntei: "Aqui é loja de pedreiros?".

Invês de resposta, só foi abraço.

Descobriram que sou mecânico, porque todo
mundo perguntava onde ficava a minha oficina.

Lojona bonita, com quadros, tapetes, venti-
ladores, até livro de visitante precisava assiná.

Gozado que com aquele calorão doido eles
não tinham termômetro e queriam saber
quantos graus tava fazendo. Devia tá mais de 30,
então "carquei" lá no livrão: 33. Acho que acertei na
mosca porque todo mundo me abraçava bastante.

Depois todo mundo entrou pro salão onde
tava as mercadorias. Tinha cuié de pedreiro, pru-
mo, nível, esquadro, alavanca, compasso, régua,
até pedra. Tinha também mesas e cadeiras que
não acabava mais. Algumas dessas mesas tava
com o tempo solto porque os caras pegaram uns
martelinhos e começaram a bater com um espeto.

Depois pensei que um indivíduo lá era cego.
Perguntou onde tinha assento o fulano... Onde
tinha assento o cicrano... Porque queria saber que
horas eram... Coitado! E teve até um espírito de
porco que falou prá ele que era meio-dia em pon-
to e ele acreditou.

Depois acabou indo outros sujeitos perto dele
e um deles reclamou de um tal de Arão que fez
um estrago com Óleo. Disse que derramou na
cabeça, na barba e ainda no vestido de uma tal
de Dona Orla.

Confirmei que o cara era cego porque ele
falou que a loja tava aberta e então olhei a porta
e vi que tava fechada.

Nessa hora notei que até lá você era conhe-
cido. Sentiram a sua falta e começaram a per-
guntar: "E o Zé? E o Zé? E o Zé?".

Depois, aguentei um tempão um sujeito falá
umas baboseiras que não entendi nada e até en-
fim mandaram fazer as propostas.

Veio outro sujeito recolher as propostas com
um saquinho e então mandei a minha: dava
cinquenta mangos naquela corda pindurada lá em
cima toda enroscada.

Sabe? O cara tava se fazendo de cego. Ele
leu minha proposta. Acho que fui "munheca" demais.

Eles inventaram que tava chovendo, que ti-
nha goteira e acabaram me pondo prá fora.

Tá certo. Era justo. Era perfeito. Mas bem
que podiam fazer uma contraproposta.

ZÉ DA LUZ

AONDE A MOÇA MIJOU,
NASCEU UM PÉ DE ROSEIRA,
COM SETENTA LÉGUA CHEIRA,
RECENDE QUE NEM CANELA,
MANDEI FAZE Ú'A CAPELA,
DEZ PADRE MISSA CANTOU,
DEZ PAGÃO SE BATIZOU,
TODOS DEZ FORAM CRISTÃO,
EU VI A POVOAÇÃO,
ADONDE A MOÇA MIJOU.

Textos Poéticos

ORQUÍDEA II (Meditação)

Érico de Freitas Machado

Abençoada a orquídea que embeleza a mata
 companheira de jornada longa
 e de anos a fio.
 Seu carisma é atração constante
 e bálsamo para a alma.
 Agradeço-lhe por orientar-me a vida,
 com seus ensinamentos sutis e iniguiláveis.
 Paciência, pelo seu andar moroso
 e saber esperar a novidade.
 A surpresa que às vezes acontece,
 tem levado-me a controlar emoções.
 Veja-a, pequena, crescendo e dando frutos.
 Encanto-me com seu perfume
 e nuances de seus coloridos.
 Seu conjunto só tem par na mulher amada,
 presente maior de toda a existência.
 Flor que encerra tal mistério,
 difícil de explicar.
 Não exerce domínio ou restrição,
 mas se avizinha em horas de aflição.
 Aponta o rumo certo
 e o caminho a ser seguido, sem fala, som ou qual-
 quer gesto.
 Apenas sinto o aviso, quando procuro,
 e nunca houve engano resultante,
 pois, você, companheira, a cada instante,
 está comigo, lado a lado,
 na ajuda que eu preciso
 e tanto quero,
 porque você, ser estranho, nunca falha,
 por ser amiga certa e verdadeira.
 Amo você, orquídea bela,
 por nunca negar-me flor.
 A luz da vida é a vela,
 em clarão, beleza e cor.

Novembro de 1999 (Vitória-ES)

MONUMENTO A CABRAL

Foi no dia 13 de maio de 1900, por volta das 7 horas a chuva cessou e entytre nuvens que se acumulavam ameaçadoras apareceu um nesga de céu azul. A algeria despontou em todos os semblantes. Fêz-se silêncio. Ao iniciar o Hino Nacional, S. Excia. puxou o cordão, mas... Nada. Deu outro puxão... também nada. A chuva que caíra instante antes molhara o nó corrediço, não deixando que este se desfizesse. Que situação!

Foi nessa aflitiva conjuntura que, subitamente, surgiu da multidão um homem - cearense - Martim Francisco de Paulo - com espanto de todos, galgou resolutamente, o monumento, vence toda a extensão do corpo da estátua, subindo pela haste da bandeira que cobria Cabral desfralda e, a um movimento brusco, desvendou o nou o herói que descobrira o descobridor do Brasil...

Transformaram a sociedade, alteraram a vida familiar, empurraram a educação para fora do lar, encertaram esse sistema terrível da ida e volta ao trabalho.

PIVETE

QUE É VOCÊ ?
 QUEM É SUA MÃE ?
 ELA NÃO SABE QUE É SEU PAI
 VOCÊ VIVE DEUS SABE COMO COMO
 CORRENDO, PULANDO NO VAI E VEM
 PULA, VIRA CAMBALHOTA
 BRINCA PELAS PRAÇAS FAZ PERALTICE
 ÀS VEZES VOCÊ É ALEGRE
 MAS NEM SEMPRE AS COISAS
 VÃO BEM, VOCÊ FAZ COISAS
 ERRADAS E VEM AS AUTORIDADES
 VOCÊ CORRE E QUEM, TE PEGA
 NINGUÉM CONSEGUE. AS SUAS
 PERNAS; FORTES APESAR DE TUDO
 TE LEVAM PARA SEU ESCONDERIJO
 QUE SÓ VOCÊ SABE
 E QUANDO CHOVE, FICA AO
 RELENTO
 A MERCÊ DAS INTERPÉRIES
 NAS NOITES ENLUARADAS
 VOCÊ DORME NA CALÇADA
 TENDO O CÉU ESTRELADO COMO
 COBERTO
 E O PAPELÃO É SUA CAMA.
 É UMA VIDA TÃO SOFRIDA...
 MAS MESMO ASSIM
 ALGUÉM TE AMA
 E PROCURA TE AJUDAR
 E TODO O TEMPO PASSA
 E TEM FESTA NA PRAÇA
 VOCÊ É VISTO POR TODOS
 COMO UM ENTRAVE
 DA SOCIEDADE, QUE
 NEM SEMPRE COMPREENDE
 O TEU VIVER, E
 O TEU MODO DE SER.

Tacy Cabral Zardini

NOSSA CASA

De nossa casa
 o mundo os limites inveja.
 A terra é nosso leite
 é nosso teto o céu
 e a acarícia da brisa recebemos
 pelas amplas janelas do horizonte.
 Só o sol nos aquece
 e nas noites sem lua
 Deus acende lá em cima
 o imenso candelabro das estrelas.,

Jayme dos Santos Neves

Resenhas Bibliográficas

Rocha, Gilda. Imigração estrangeira no Espírito Santo (1847-1896). Vitória. s/e. 2000

Eis um livro que se impõe por sua visão estritamente científica na análise de processo migratório para nosso Estado, diferente de tantas obras apologéticas, de amor filial, ou lamentosas dos inauditos sofrimentos dos imigrantes. Baseada em sua tese de Mestrado, tem orelha de Agostino Lazzaro e apresentação de Antonio de Lourdes Colbari, dois especialistas na área. O trabalho é fruto de acurada pesquisa histórica, principalmente nas fontes primárias. A tese central é o ineditismo, na história da imigração brasileira, da produção cafeeira em pequenas propriedades coloniais, e que segundo a A. está a merecer novos estudos, talvez até uma tese de doutorado da própria Mestra Gilda Rocha.

Depois de uma breve introdução, o livro tem três compactos capítulos sobre o Espírito Santo no contexto da política de imigração brasileira; economia cafeeira; imigração e mão-de-obra; as fases da imigração no Espírito Santo.

Como se sabe, e a A. lembra, a imigração para o Espírito Santo visava ao povoamento de extensas áreas incultas, perto da Corte. Já havia sido assim, no começo do século XIX com os açorianos de Viana. Previa o Governo Imperial que os colonos se dedicassem unicamente à lavoura de subsistência, porém a febre do café, produtivo em terras virgens, determinou uma virada nesse desiderato, como acontece em nossos dias quando bananeiras estão sendo substituídas por café conillon, com a conseqüente superprodução e baixa dos preços.

Entende a autora que não houve conflito entre a produção colonial e a dos grandes proprietários, embora como no caso Rio Novo estivesse esta colônia próxima da grande lavoura (p. 88). Com a devida licença, creio que há um anacronismo nesta assertiva, de vez que, como o baixo Itapemirim era região de produção de cana-de-açúcar, a produção cafeeira estava ligada ao médio e alto Itapemirim e ao Itabapoama, longe, muito longe pelos padrões da época, do Rio Novo. Em 1958 tive de chegar a Mantenópolis a cavalo, em noite de luar, e vi como nos meios de transportes antigos os pontos geográficos ficam longe. O que se deu é que havia espaço aqui para todos, sendo pequena a produção colonial, e escoada por via diversa. Os grandes comerciantes de Santa Leopoldina recebiam, através de tropas, o grosso de suas compras de Minas Gerais (Vale do Rio Doce) e a escoavam pelo porto de Vitória.

Este pequeníssimo reparo não invalida a grande admiração que tenho pela pesquisadora e pela sua pesquisa, que é só conhecida através de secção de teses da Biblioteca Central da Ufes, e que, agora pode atingir um grande público.

Imigração estrangeira no Espírito Santo é livro que honra a historiografia capixaba.

Biasutti, Luiz Carlos e Loss, Arlindo. São Roque do Canaã, um história de fé, trabalho e vitórias. B.H. Lutador, 1999.

Por duas vezes já tive ocasião de ressaltar o valor, como fonte, do livro dos dois autores teresenses, radicados em Belo Horizonte: ao prefaciá-lo e ao saudá-lo, em nome do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, na bela festa de lançamento na Câmara Municipal de Santa Teresa. Despicienda pois qualquer nova consideração.

A resenha tem, portanto, objetivo de registrar o aparecimento de obra, que, conquanto fruto de amor de dois descendentes dos imigrantes, não se desmancha naquele saudosismo piegas que invalida tantos tra-

balhos dos ítalo-capixabas.

Quero fazer uma explicação também sobre uma afirmação que fiz no discurso teresense: como São Roque do Canaã se originou de Santa Teresa lembrei que futuras formas de administração municipal poderiam solidificar os laços entre os dois municípios. O que defendo são os consórcios municipais, em que atividades como educação, saúde, ecologia possam ser feitas por duas ou mais edilidades, cada qual mantendo sua autonomia.

Em 32 capítulos o livro resenhado dá preciosas informações inéditas sobre a vida dos descendentes de imigrantes italianos e alemães na região que, por sugestão de Orlando Bonfim, veio a chamar-se de Canaã.

Um trabalho de pesquisa paciente e um heroísmo editorial, que vai, cada vez mais, permitindo o aparecimento de uma história geral do Estado do Espírito Santo.

Henriques, Milson. A tímida luz de vela das últimas esperanças. Vitória, 1999.

O teatro capixaba deve muito ao multimídia Milson Henriques, campista de nascimento e capixaba de coração.

Zizi e Antonieta, duas personagens maiores da dramaturgia nacional depois do sucesso nos palcos aparecem, agora em livro. Creio que a inclusão de três "esquetes" para serem usados como exercício em cursos de teatro ou apresentações em público (p. 59 a 74) estão, por sua natureza humorística, deslocados e, por certo o A. só os incluiu para dar mais corpo ao livro.

Esta peça se refere a fantasmas que todos nós temos, só que os da ex-senhora e da ex-escrava têm força avassaladora, ou como diz a Antonieta, ficam "muito agitados".

Milson Henriques merecia que sua peça tivesse ampla divulgação nacional, o que não ocorre em vista da situação periférica da cultura capixaba, diante do país, que também é periférico diante do mundo., Quem sabe se agora, com a Internet, não terá a peça a devida aceitação?

Tatagiba, José. A ilha da nostalgia. Crônica / reportagem de Vitória. Vitória, 1999.

Há livros que, no futuro, serão lembrados como fontes de pesquisa, pela grande cópia de informações que nos fornecem. Tatagiba tem uma vida rica, começou a trabalhar muito cedo no comércio, amava discos, cinema, rádio e tevê e de tudo nos dá um registro vivo e interessante. Há informações sobre prostituição, por exemplo, que se não fosse o texto de Tatagiba estariam perdidas para sempre. Aos poucos, principalmente com o auxílio da Lei Rubem Braga da Prefeitura Municipal de Vitória, vamos tendo uma rica messe de textos sobre nossa ilha.

Figueira, Márzia. Os inocentes. Vitória. Multiplicidade. 1999.

Durante três décadas vem Márzia Figueira publicando crônicas em a A GAZETA de Vitória. E eu, com o risco de parecer chato, sempre lhe perguntando: "— Márzia, quando sai o livro?" Agora saiu, com seleção e apresentação do Professor Dr. Francisco Aurélio Ribeiro, e valorizado pela orelha do Professor Dr. José Augusto Carvalho.

São crônicas que retratam o dia a dia, desde a chegada dos homens à Lua, até a crença no fim do mundo, em agosto do ano passado. O mundo não acabou (ainda) e Márzia Figueira continua no seu labor de cronista, agora valorizado porque, às segundas-feiras, está no lugar que, durante a semana, pertence a Luiz Fernando Veríssimo, uma das suas grandes admirações.

Não fiz uma análise profunda, mas muito da história social vitorienense pode ser rastreada em Os inocentes.

Resenhas Bibliográficas

tes, livro do qual se pode dizer: "antes tarde do que nunca..."

Soneghet, Hilário. Quase toda a poesia. Vitória. Florecultura, 1999.

Enfim uma obra que resgata a obra do grande poeta capixaba Hilário Soneghet. Livro valorizado por uma bem cuidada apresentação gráfica e por um maravilhoso trabalho ecdótico do Professor Dr. José Augusto Carvalho, nunca houve notícia de outro igual em nossa terra. Hilário Soneghet, dentista de profissão, era poeta de vocação. Vivia entre as musas, e foi dos raros, aqui, que cultivou o verso humorístico e a chamada poesia "sertaneja" tão em moda, na década de 30 do século XX, graças a Catulo Paixão Cearense.

Quase toda a poesia é monumento literário de real mérito.

Athayde, Hélio. A imagem que não morreu. Rio. Maanaim, 2000.

O capixaba Hélio Athayde, que tanto fez pela divulgação do Espírito Santo, no Rio de Janeiro, onde foi por muitos anos presidente da Associação Espírito Santense, publica, agora, um delicioso romance cachoeirano: A imagem que não morreu.

O livro mistura personagens históricas e ficcionais. Começa com Manoel José Esteves de Lima, no início do século XIX, dando início à colonização do médio Itapemirim. E segue, com a propriedade de Santa Rita, com o casal Alvares e Lina, até a crise de 1929, tudo minuciosamente descrito, a economia, a educação, a religiosidade, numa época em que Cachoeiro de Itapemirim "era uma grande família" (p. 198).

Dentro de uma visão sociológica do romance, entendendo que livros como A imagem que não morreu têm grande valor pelo muito que deixam entrever da evolução econômica e social de uma comunidade da importância de Cachoeiro de Itapemirim, isto porque muito do que está descrito não existe em nenhuma outra fonte. É o que se diz da obra de Belzac, em relação à França do Século XIX. Guardadas as devidas proporções estamos diante de documento de muita importância para os futuros estudiosos da história da cultura capixaba.

Silveira, Roosevelt. A mãe de Jesus. Guaçuí, s/e, 1999.

Este livro faz parte de uma série de estudos que o A. vem empreendendo sobre o Catolicismo Romano. Na mesma série já editados temos O Sacrifício da missa. As imagens. As tradições.

É admirável que, na pequenina Guaçuí, haja pessoas voltadas para estudos religiosos, não para levantar polémicas, mas para colocar os fatos na mesa.

Com base em sólida bibliografia, estilo ameno o A. se reporta aos irmãos de Jesus, à Mãe de Jesus, fruto de sua ânsia de divulgar urbi et orbe o que aprendeu em desacordo com a doutrina mais aceita em sua comunidade.

Osório, Carla, Bravin Adrina e Santanna, Leonor de Araujo. Negros do Espírito Santo. S.P. Escrituras, 1999.

Belo livro: Mais que uma pesquisa, uma viagem ilustrada ao mundo afro-capixaba.

Depois de uma introdução, o livro versa a trajetória histórica. Algumas histórias de vida em São Mateus, Mangarai, Santa Maria, norte do Estado, Itapemirim, Cacimbinha e Boa Esperança. Concluem as autoras a obra com um capítulo sobre a Devoção de São Benedito.

Não concordei, nunca, com a tese central da obra, explicitada pela ilustre prefaciadora Bernadette Lyra: "O Espírito Santo, como o resto do país, deve à cultura negra

a maior parte de sua formação." (p.15). Que é que é isto? Se estivesse falando de Salvador, na Bahia, talvez a gente pudesse concordar. Mas o Brasil é multicultural, e deve a maior parte de sua formação, sem sombra de dúvida, aos portugueses: língua, costumes, organização social, política e religiosa, etc, etc.

Não minimizamos o valioso contributo afro. Mas lembremos com Vilma Paraíso, que o Espírito Santo foi colônia e província de pouquíssimos escravos. Fora isto, repito: belo livro!

Villaça, Adilson. Coração Ilhéu. Romance de Infolhetim. Vitória. Texteus, 1999.

Villaça, nosso mais prolífico autor, em dezembro de 1999, no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, lançou 3 livros novos e relançou o Cotaxé, já agora em 2ª edição.

Esta resenha se refere apenas ao Coração Ilhéu agradáveis postais, que saíram no "site" da Prefeitura de Municipal de Vitória, pela Internet, donde IN-folhetim.

Como de trata de obra para divulgação ampla, permito-me fazer alguns reparos, que não lhe tiram o merecimento, mas podem ser objeto de correção.

Na página 14, ao falar do distrito de Goiabeiras esquece o autor os populares bairros da Mata da Praia e Jardim da Penha, assim como o Bairro República. Na página seguinte o Eden Park é chamado Eden Cinema. Na página 16 quero notar que, embora os remadores sejam, tradicionalmente, chamados de catrajeiros, os botes sempre foram chamados de botes mesmo, e nunca de catraias, e mesmo hoje há número maior de botes que o registrado. Mais adiante surgiu do chapéu mágico de Villaça uma Boate Chapéu do lado que nunca houve. O que existia era a Batucada Chapéu do Lado, onde a rapaziada dançava e que, infelizmente, ao sabor da moda e do influxo carioca, foi transformada em Escola de Samba Unidos da Piedade. No Teatro Carlos Gomes já que cita as pinturas de Homero Massena, acho imperdoável não ser lembrado o nome do construtor André Carloni. Na página 72 aparece Domingos Martins como município do sul do Estado, quando fica, notoriamente, na região central serrana. Na página 78 diz-se que o relógio da Praça 8 é obra do artista João Ricardo Hermann Schorling. Não, o armeiro, pai de nossa aviadora Rosa, montou o relógio na administração Américo Monjardim, mais o relógio fora comprado na Europa em 1928 por Aristeu Aguiar. Veio a revolução e a peça ficou encaixotada, para ser montada muito depois. Finalmente, que história é esta de cronista Eugênio José Sette? O pai se chamava José Rodrigues Sette, o filho Eugênio Sette, ambos grandes vultos de nossa terra.

Se faço estes reparos é para que erros tão notórios possam ser corrigidos.

Ribeiro, José Antonio Castello Lopes. Constituição do Estado do Espírito Santo. Anotada. Vitória. AESMP, 2000.

Prestaram grande serviço ao Espírito Santo a Associação Espírito Santense do Ministério Público e o A., o magistrado aposentado José Antonio Castello Lopes Ribeiro ao editarem uma Constituição Estadual anotada com cuidado, carinho e perfeição. A Constituição seca não é instrumento de trabalho para os executores do direito. As anotações feitas pelo comentarista são de grande valia. Veja-se o artigo 68, por exemplo, que versa as leis complementares, aí divididas em grandes 11 grupos, tornando-se um trabalho fundamental para todos os estudiosos, e permitindo, inclusive, um estudo de direito constitucional comparado com as Constituições dos demais Estados.

De parabéns anotador e editores pela prestante obra.

Programação para o 1º Semestre de 2000

MARÇO

- 15 - Reabertura do ano com reunião da Diretoria.
- 22 - Reunião da Diretoria.
- 29 - Reunião da Diretoria.

ABRIL

- 05 - Reunião da Diretoria.
- 12 - Reunião da Diretoria e Oficina com estudantes da rede municipal.
- 14 - Abertura solene das Jornadas de Navegações (IV) com palestra do Contra-Almirante Max Justo Guedes.
- 19 - Reunião da Diretoria.
- 25 a 27 - Jornadas de Navegações (IV).

MAIO

- 03 - Reunião da Diretoria.
- 10 - Reunião da Diretoria com Oficina de estudantes da rede municipal.
- 17 - Assembléia Geral Ordinária.
- 24 e 31 - Reunião da Diretoria e Reunião conjunta com a Academia de Artes e Ciências de Cascais - Portugal.

JUNHO

- 07 - Reunião da Diretoria.
- 14 - Sessão Solene - Homenagem a Domingos José Martins - Posse dos novos sócios.
- 21 - Reunião da Diretoria.
- 28 - Reunião da Diretoria.

JULHO

- 05 - Almoço de confraternização (por adesão) e início do recesso.

SANDÁLIAS QUE NÃO CAMINHAM de Nilge Limeira, pertencente à Academia Feminina de Letras Espírito-Santense, é uma coletânea de pequenos textos poéticos-filosóficos de meio século de registros. Ainda que na apresentação dos textos a obra não obedeça a uma cronologia, ela existe. Na primeira data, 15 de junho de 1950, no texto Recordação p. 28, Nilge manifesta a alegria da chegada de Luis Fernando, o primeiro filho e a dor de uma mãe: "tudo que nele dá, seja febre, resfriado ou um gritinho, deixa esnalgado nosso pobre coração". Na última, 1º de janeiro de 1999, p. 16, ela revela o carinho e afeição à sua amiga centenária, com uma sinestesia, para expressar a sua emoção: "Palavras hoje me caem sem sentido, ante o calor do silêncio". A obra de Nilge é um canto à vida, nela a autora se mostra uma alma cristã: boa, caridosa, generosa, piedosa, e sensível. Nas pinceladas filosóficas, recolhidas, na parte "Ler e Pensar, ou produto de suas próprias reflexões, encontramos conselhos para bem-viver nos pensamentos transcritos. Tais como: Abri, Senhor, os meus olhos para que eu veja as vossas maravilhas. A esperança no amanhã faz o entardecer mais bonito. Só ri de nossa cicatriz quem nunca foi ferido. No texto, dedicado a Pe. Ayrola, expõe o seu dese-

jo de ser poeta para deixar o coração falar, de ser sábio, para expandir os mais belos propósitos de crenças e de ser artista para "colocar moldura feita de gratidão e de justiça". Mas o que é a tessitura desse livro senão poesia e arte fotográfica que brotam da memória? Ele é um livro de meditação que não pode faltar em nossa cabeceira.

Don Manuel I

Há nos seus olhos o sonho do Oriente e a profundidade dos mares inexplorados.

Lisos cabelos pretos cobrem a testa de Dom Manuel, o venturoso rei de Portugal daqui e além mar.

Uma barba longa de sábio senhor escurece a testa varonil do rei Pio, pelos hebreus chamado.

O rei de Algarve só viu em sua nação prosperidade porque assim os fados o determinaram.

Gama lhe abre os mares exóticos. Mas é Cabral que lhe dá o mais rico presente: uma terra santa, verdejante e rica.

Ester Abreu Vieira de Oliveira Momentos, p. 82